

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

O assunto é capixaba

Os estranhos que me desculpem, mas hoje só falarei de energia elétrica do Espírito Santo. Mas, por favor, não se retirem; ouçam a conversa, porque o assunto é brasileiro.

Meu pequeno Estado está parando. E se continuar mais algum tempo assim, desandarà de maneira catastrófica. Isso afinal interessa também aos cariocas, pois é para as favelas daqui que virão de qualquer jeito dezenas de milhares de trabalhadores tangidos pela miséria.

A Central Brasileira (Bond and Share) conseguiu, entre abril e junho, cinco aumentos nas tarifas: o quilowatt, que custava Cr\$ 28,39 (caríssimo, pois o preço médio brasileiro é de Cr\$ 8,90), passou a custar Cr\$ 49,00! A culpa, é claro, não é toda da empresa norte-americana; ela apenas aperta, em benefício próprio, a corda no pescoço do enforcado. Por exemplo: usa, no cálculo de tarifas em relação ao investimento, as instalações feitas à custa do Estado ou do público. Vocês, que moram em um bairro sem eletricidade, pagam tudo para recebê-la: fios, postes, transformadores etc. A companhia norte-americana, que, em regra, nem sequer produz a energia, pois a recebe da empresa do Estado, escritura tudo isso que vocês pagaram como patrimônio seu (dela) e, na base disso, cobra a energia mais cara a vocês e a todos os outros consumidores!

Água e óleo

A água vem do céu, e o óleo Diesel do estrangeiro; um dos motivos do alto preço da energia elétrica no Espírito Santo é que mais de 30% dela é de origem térmica. Mas é fácil, em prazo relativamente curto, aumentar a potência hidrelétrica. Isso não se deve fazer, porém, levando até o Espírito Santo a energia da CEMIG (Centrais Elétricas de Minas Gerais), como já se aventou, e talvez agrade ao Ministro Thibau, que é homem da CEMIG. Essa interligação deve ser feita mais tarde, como vantagens para a CEMIG e para a ESCELSA (Espírito Santo Centrais Elétricas S.A.). Com o mesmo dinheiro, aproximadamente, que se gastaria para puxar as linhas ao longo do Vale do Rio Doce até o Espírito Santo, seria possível fazer o reservatório de regularização do Alto Santa Maria, a montante da Usina de Rio Bonito, e terminar a instalação da primeira etapa da Usina Suíça. A utilização total desse pequeno (e lindo) Rio Santa Maria, em cujas margens Graça Aranha viveu e viveram seus personagens de *Canaã*, dará ao Estado cerca de 110

mil kw, dez vezes mais do que esse rio produz hoje, segundo os estudos feitos pela ECOTEC; só, portanto, por uma distorção monstruosa do problema, se colocaria o Espírito Santo como tributário da energia mineira. A ECOTEC (Economia e Engenharia Industrial — Consultores S.A.) é uma organização privada estritamente brasileira de alto padrão de idoneidade, dirigida por esse homem de indiscutível competência e elevado espírito público que é o Professor Jorge Kafuri.

Para acabar de executar seu plano de energia, o Governo do Estado precisa reorganizar a ESCELSA, que, no momento, só dispõe de três engenheiros... Não adianta falar mal (mesmo com toda razão) da empresa norte-americana e reclamar (mesmo com todo o direito) a ajuda do Governo Federal se o Estado não cuida de sua própria parte.

Faça Brasil, Marechal!

No Brasil o pobre não tem vez — isso não só no sentido humano mas também no sentido regional. Fora do triângulo Rio—São Paulo—Belo Horizonte a energia é muito mais cara e mais vasqueira. O que é preciso fazer é aplicar o Artigo 22, da Lei 1416 (Lei da Eletrobrás) que prevê a uniformização das tarifas de energia em todo o território nacional. Isto sim, será fazer algo em termos de Brasil. Um aumento de 10 por cento na região mais rica permitiria uma redução de 400% na zona sacrificada; e essa zona compreende quatro quintos do País! À região desenvolvida só pode interessar o desenvolvimento do conjunto nacional, que é o mercado consumidor de sua produção.

O Espírito Santo tem um futuro industrial — ou não tem futuro nenhum. Seu problema agônico é o da energia elétrica. Não apenas para a indústria — que não pode, de modo algum, agüentar as tarifas atuais — como para o simples chefe de família que, vamos dizer, ganhando 100 mil cruzeiros mensais, tem de pagar, por 200 kwh, nada menos de 10 mil cruzeiros!

Marechal Castelo Branco: situado na fronteira da miséria, sem os recursos do Centro-Sul nem os privilégios do Nordeste, o Espírito Santo é um pequeno retrato do Brasil. Ele pode ser salvo por uma pequena ajuda direta (que merece amplamente, pelas divisas que sua exportação produz), mas principalmente em função de uma política realmente nacional, como a uniformização das tarifas, já prevista em lei. Cumpra essa lei e faça Brasil, Marechal!